



# DIÁLOGOS NA RODA:

DANÇA, HISTÓRIA E CULTURA  
AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL

GERALDO DE LIMA LOPES

Dados internacionais de catalogação-na-publicação  
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Lopes, Geraldo de Lima.

Diálogos na roda [recurso eletrônico]: dança, história e cultura afro-brasileira no ensino fundamental / Geraldo de Lima Lopes. – Salvador: [s. n.], 2024.  
11,7MB.

Originalmente apresentada como dissertação do autor (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, 2024.

Livro eletrônico.

Modo de acesso:

1. Dança na educação. 2. Dança - Estudo e ensino (Ensino Fundamental) - Petrolina (PE). 3. Cultura afro-brasileira - Estudo e ensino (Ensino fundamental) - Petrolina (PE). 4. Educação multicultural. 5. Pedagogia culturalmente relevante. I. Título.

CDD - 793.3

CDU - 793.3

Dedico este trabalho aos estudantes, professores (as),  
equipe gestora e comunidade escolar da Escola Estadual  
Núcleo de Moradores 9 de Petrolina, por dançarem  
comigo essas rodas.

À UFBA e ao PRODAN, por terem aberto portas para a  
valorização das práticas artísticas e educacionais de  
profissionais da Dança de diversas regiões do Brasil.

Ao grupo de pesquisas Corponectivos em Danças, por  
todas as rodas dançadas entre nós.

Obrigado por acolherem as experiências deste artista-  
professor sertanejo.

# RESUMO

Diálogos na Roda: Dança, História e Cultura Afro-Brasileira no Ensino Fundamental é um e-book fruto de uma dança-pesquisa, inspirada na noção da roda, enquanto princípio de ação-reflexão, para tecer um movimento colaborativo, tal qual uma grande ciranda. A pesquisa foi desenvolvida durante meu Mestrado no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança – PRODAN da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Nesse processo, entraram na roda e dançaram comigo, de 2021 até 2022, estudantes, professores (as), equipe gestora e pedagógica da Escola Estadual Núcleo de Moradores 9 – N.M.9, que atende estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio, além do programa Travessia.

# ABSTRACT

Circle Dialogs: Dance, History and Afro-Brazilian culture in Elementary School is an e-book product of a dance-research, inspired by the idea of the circle, as an action-reflection principle, to weave a collaborative movement, just like a great ciranda. This research was developed during my master's degree in the Professional Postgraduate Program in Dance – PRODAN at Federal University from Bahia – UFBA. During this process, joined into the dance circle with me, from 2021 to 2022, students, teachers, management and pedagogical staff from State School Resident's Group 9 – N.M.9, which assists students in the final years of elementary school and high school, as well as the Travessia program.



# APRESENTAÇÃO

“[...] Tudo nosso é na Circularidade  
O Samba é rodando...  
A Capoeira é rodando...  
O Reggae é rodando...  
A Gira no terreiro é rodando [...]”

Antônio Bispo dos Santos (Confluências [...], 2019).

Esse livro digital, é um dos produtos técnico-tecnológicos, gerados pela pesquisa Diálogos na roda: Dança, História e Cultura Afro-Brasileira no Ensino Fundamental, desenvolvida no Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança – PRODAN-UFBA. Está organizado em treze Rodas, respaldado na imagem-metáfora da Roda, utilizada na pesquisa e inspirada, por sua vez, na Circularidade, apontada por Azoilda Trindade (2013), onde o ambiente favorece a tessitura dos saberes pelas trocas, relações, diferenças e na noção de Roda, na abordagem afroperspectivista de Renato Nogueira (2015; 2017), enquanto ação acionadora de fluxos, caminhos para africanização e indigenização. Essa noções atravessaram as práticas pedagógicas, vivenciadas na Escola Estadual Núcleo de Moradores 9 – NM9, situada na Zona Rural de Petrolina, sertão de Pernambuco. Ao ser disponibilizado em formato digital, esse trabalho tem como objetivo contribuir e inspirar estudantes, professoras (es) e demais pessoas interessadas em promover uma educação antirracista, plural e democrática, nos contextos escolares em que atuam, sobretudo por meio da Dança.

Nas muitas rodas entrelaçadas, couberam movimentos diversos: escutas, falas, pausas... dançamos no chão de piso, no terreiro de terra batida, no pátio escolar, ao ar livre, tendo o canto dos pássaros como trilhas e percebendo o soprar dos ventos e o calor do sertão atravessando nossos corpos. Dançamos também entre paredes, grades, apoiando-nos em troncos de árvores, tendo o céu azulado do sertão como iluminação, bem como dançamos, nas salas de aulas convencionais.

As treze rodas aqui apresentadas nesse e-book, são rastros dessas dançantes vivências pedagógicas, a partir da temática História e Cultura Afro-Brasileira na Escola.

Convido a pessoa leitora a entrar conosco nessa grande roda que é, de giro contínuo e coletivo, e para a vida inteira...Sejam todas bem vindas!

## SUMÁRIO

RODA 1. SOBRE “AUSÊNCIAS E PRESENCAS” .....	5
RODA 2. PARCERIAS E DANÇAS .....	8
RODA 3. O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA N.M.9 .....	10
RODA 4. A ESCOLA ENTRA NA RODA .....	12
RODA 5. PPP NO CENTRO .....	14
RODA 6. MÃES SÃO MUITAS E DIVERSAS.....	16
RODA 7. O PERFIL ÉTNICO-RACIAL DOS ESTUDANTES .....	19
RODA 8. A LEI Nº 10.639/03 NAS DISCIPLINAS ELETIVAS DA ESCOLA ...	23
RODA 9. “BELEZAS” NA PASSARELA .....	26
RODA 10. “CORPOS MAPAS” .....	28
RODA 11. DANÇAS, NÍVEIS E CINESFERAS .....	31
RODA 12. DANÇA! GINGA! É CAPOEIRA! .....	34
RODA 13. O QUE DIZEM OS PROFESSORES(AS)? .....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
REFERÊNCIAS .....	41

# Roda 1



## SOBRE “AUSÊNCIAS E PRESENCAS”



# “HISTÓRIA PARA NINAR GENTE GRANDE”

– *DOMÊNICO ET AL. (2019)*

“Mangueira, tira a poeira dos porões  
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões  
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões  
São verde e rosa, as multidões

“Mangueira, tira a poeira dos porões  
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões  
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões  
São verde e rosa, as multidões

“Brasil, meu nego  
Deixa eu te contar  
A história que a história não conta  
O avesso do mesmo lugar  
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço  
A Mangueira chegou  
Com versos que o livro apagou  
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento

Tem sangue retinto pisado  
Atrás do herói emoldurado  
Mulheres, tamoios, mulatos  
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara  
E a tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo  
Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”



## INSPIROU-ME PARA A CONSTRUÇÃO

desta primeira roda no contexto da escola a letra desse samba-enredo de 2019 do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. A escola de samba do Rio de Janeiro, criada em 1928, tem na sua existência a afirmação e o empoderamento dos traçados afrodiaspóricos negros no Brasil: da vida em comunidade, da cultura, do samba e do reconhecimento do carnaval enquanto expressão significativa do povo brasileiro.

Foi a partir dessas premissas que nasceram as rodas “Sobre Ausências” e “O protagonismo negro na história da Dança petrolinense e brasileira”. A primeira é a exibição de uma videodança<sup>1</sup>, produzida e gravada na escola e posteriormente disponibilizada no meu canal pessoal na plataforma de conteúdos audiovisuais YouTube. Nesse trabalho, buscamos lançar questões acerca das lacunas de artistas e intelectuais negros nos conteúdos vivenciados na escola.

A segunda culminou em uma videoaula<sup>2</sup> de 50 minutos que também foi disponibilizada no mesmo canal e plataforma com acesso ao público da escola e em geral. Aqui, identificamos personalidades negras com atuações para o desenvolvimento da Dança em Petrolina e no Brasil. Assim, destacaram-se artistas como Ismael Ivo, Ailton Marcos, Mercedes Baptista, Mestre King, dentre outros.

Os dois trabalhos foram as primeiras práticas pedagógicas desenvolvidas na perspectiva de revisitarmos trajetórias vencedoras de pessoas negras para além das “histórias únicas” contadas acerca das contribuições africanas e afro-brasileiras na sociedade e na Dança petrolinense e brasileira. Para a construção dessa primeira roda, foram também inspirações: a escritora Chimamanda Ngozi Adichie, por meio da sua palestra O perigo de uma história única (Adichie, 2009), e Juliana Vicente (2012), por meio do curta-metragem Cores e Botas (Colors and Boots) lançado em 2010, trabalhos acessados gratuitamente na época.

---

<sup>1</sup> “Sobre Ausências” Disponível em: <<https://youtu.be/vYBqXmOdqec>>. Acesso em: 05 Jan. 2023

<sup>2</sup> “O protagonismo negro na história da Dança petrolinense e brasileira”. Disponível em: <<https://youtu.be/0KvFtj-cr3g>>. Acesso em: 05 Jan. 2023.

# Roda 2



## PARCERIAS E DANÇAS



# *Isabel Marques (2010)*

nos ensina que repensar a educação e a dança na contemporaneidade é também repensar todo o sistema de valores e ideais concebido desde o século XVIII e incorporado ao pensamento educacional ocidental. Inspiradas nas palavras da artista paulista, as Danças Populares foram caminhos para a construção desta roda, visto que muitas dessas expressões carregam signos que aproximam as contribuições afro-brasileiras de quem as experimenta, proporcionando no corpo e também criativamente processos de identificação étnica, cultural e racial.

Por meio do projeto “**CIRCUITO DE DANÇAS NAS ÁREAS IRRIGADAS**”, uma rica parceria com a companhia petrolinense Balançarte, os/as estudantes vivenciaram um intercâmbio com os artistas locais que resultou em oficinas de danças populares no espaço escolar. Essa experiência culminou em uma mostra artística, protagonizada pelos estudantes com apresentações de obras do repertório coreográfico do grupo e do Coletivo Trippé, companhia de dança também local. Na plateia, estavam representantes da comunidade, além de outros segmentos da escola e familiares dos estudantes.

A troca de experiências gerada entre estudantes e artistas locais no ambiente escolar foi enriquecedora e uma oportunidade para refletirmos os processos educacionais endógenos que atravessam o Ensino Público Fundamental e os limites que nos definem. Aqui, deram-se as primeiras impressões de autoidentificação dos estudantes com as culturas afro-brasileiras por meio das Danças Populares, momentos que despertaram entusiasmo e interesse por maiores aprofundamentos sobre essa temática.

Nesta roda, percebemos que, ao ampliarmos o olhar para as riquezas e as diversidades das tradições culturais locais e/ou regionais como o reisado, o maracatu, o caboclinho, dentre outras, pudemos influenciar positivamente a interação entre escola e comunidade. Dessa relação, os aprendizados escolares se tornaram ainda mais inclusivos e enriquecedores. Por fim, o sucesso desta roda foi tão abrangente que a TV Grande Rio, afiliada da Rede Globo na região, veio fazer matéria jornalística na escola, momento que se transformou em uma experiência única tanto para a escola quanto para toda a comunidade!

# Roda 3



## O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA N.M.9





# NESTA RODA,

a proposta foi compreender a relação entre o ensino de dança e o componente curricular Arte<sup>3</sup> na rede de ensino estadual de Pernambuco, da qual a nossa escola é parte. Isso fez-se relevante sobretudo para atentarmos para os contextos locais e regionais considerando a integração entre a Educação Básica Pública, a Rede Pública de Ensino Estadual e a Escola.

Um dos grandes desafios enfrentados para o alcance dos resultados almejados na pesquisa foi a minha carga horária limitada para o ensino da Dança especificamente. Nesse cenário desafiador, muitas vezes surgiu a dúvida: como continuar a fomentar essas práticas pedagógicas mediadas pela Dança na N.M.9 diante desse obstáculo?

## REFLETI ENTÃO QUE,

para o êxito desses processos, professores e professoras, coordenadoras pedagógicas e gestores escolares tornavam-se agentes indispensáveis. Foi a partir dessa compreensão que me senti motivado a fomentar a discussão convocando estudantes, professores(as), gestores escolares e educadoras de apoio pautando a Dança como protagonista desses debates.

Para desenvolvermos vivências pedagógicas que apontassem mudanças significativas em curto, médio e longo prazo, foi necessário que a escola “ampliasse esse olhar” e compreendesse a importância de vivenciarmos tais práticas junto à percepção do seu papel enquanto instituição educacional nesse processo. Isso se daria ao assumir práticas intencionais e coletivas mediadas pelo currículo estadual.

A partir das discussões fomentadas nesta roda, algumas práticas pedagógicas escolares começaram a ser desenvolvidas por etapas, em todos os bimestres do calendário escolar. Na oportunidade, assumimos que os resultados desses processos fossem apresentados nas celebrações do Dia da Consciência Negra em novembro de 2022, o que de fato aconteceu, considerando a orientação do Artigo 79-B da Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003).

É salutar enfatizar que o ideal é que essas práticas não sejam apenas vivenciadas no Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, mas sim durante todo o ano letivo, como procurou-se fazer no decorrer desta pesquisa.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/arte>>. Acesso em: 05 Jul. 2023.

# Roda 4



## A ESCOLA ENTRA NA RODA



# PARA INICIARMOS ESTA RODA,

---

quero compartilhar com vocês um provérbio africano que nos ensinou muito. Ele diz o seguinte: “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Como já adiantado na roda anterior, compreendemos que não seria possível estabelecermos práticas pedagógicas institucionais sem que as propostas fossem discutidas na coletividade. Assim, entendi que seria importante fazermos uma ampla abordagem entre professores, coordenadores e gestão escolar acerca da temática Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na escola.

## COMPARTILHEI COM A COMUNIDADE ESCOLAR TEXTOS

que me inspiravam e abordavam termos ou expressões racistas com seus respectivos significados, os quais muitas vezes são reproduzidos e acabam reforçando práticas estruturalmente “naturalizadas” na sociedade. Foram os textos:

**“10 PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE O TRABALHO COM AS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS NA ESCOLA”** (Salas; Bonino, 2020) e o livro **GLOSSÁRIO ANTIRRACISTA**<sup>4</sup> (Grupo[...], [20?]), ambos produzidos pela Revista Nova Escola.

Na apresentação, muitas reações aconteceram, dentre elas a surpresa pelo desconhecimento da temática e das Leis nº 10.639/03 (Brasil, 2003) e 11.645/08 (Brasil, 2008) por grande parte dos participantes, algo que eu já havia percebido. Mas esse impacto foi importante!

Após esse movimento, fui percebendo articulações e ações docentes que já demonstravam seus processos, assim como um maior engajamento referente à concretização de suas práticas com a temática.

Também foram inspirações para as discussões nesta roda as obras: “A Redenção de Cam” (1895), de Modesto Brocos (Enciclopédia [...], 2020), as pinturas “Auto-Retrato” (Enciclopédia [...], [2024b]) e “A negra” (Enciclopédia [...], [2024b]) ambas de 1923 de Tarsila do Amaral, e “Amnésia, 2015” (MASP, 2018), de Flávio Cerqueira.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://downloads.novaescola.org.br/vocabulario-antirracista>>. Acesso em: 05 Jul. de 2023.

# RODA 5



2022

# PPP NO CENTRO



# DANDO SEQUÊNCIA ÀS ATIVIDADES

acerca da História e Cultura Afro-Brasileira junto à coordenação pedagógica, promovemos durante as formações continuadas a análise e a reformulação do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Essa atividade possibilitou a percepção da ausência da temática Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no documento analisado. O coletivo ali representado considerou a sua inclusão como imprescindível para o desenvolvimento de suas práticas docentes. A escola então fez essa reparação, preenchendo uma lacuna até então despercebida.

Como desdobramento desse processo, foi desenvolvido o projeto “PPP EM AÇÃO”. O objetivo dele era o compartilhamento docente de abordagens, práticas pedagógicas e resultados didático-metodológicos, desenvolvidos para/com os estudantes, em consonância com as discussões sobre a inclusão curricular da temática mencionada. Seu auge foi vivenciado no dia 13 de setembro de 2022. Vale destacar que o Projeto Político Pedagógico é um documento dinâmico e aberto a novas inserções, voltadas para atender às demandas da sociedade e/ou da comunidade escolar e que contribuam positivamente para o itinerário formativo das pessoas estudantes. Portanto, o documento tem a finalidade de dialogar com os valores e propósitos educacionais da instituição, sendo que possui diretrizes para ações em curto, médio e longo prazo.

## A RODA DE DISCUSSÕES

a respeito desse documento foi crucial para o direcionamento das práticas que foram inseridas e/ou acompanharam esse projeto. Ressaltamos que não basta apenas a inclusão da temática no documento, é salutar que tais escritas adentrem o espaço educacional das salas de aulas e as suas práticas.

## AJUDARAM-NOS A CONSTRUIR ESTA RODA O E-BOOK

Como construir uma escola antirracista (Nova Escola, 2022) e o especial “África e Brasil: unidos pela história e pela cultura” (Soares, [2015]), ambos produzidos em formato digital pela editora Nova Escola e que apontam possibilidades para abordagem de temas como: identidade negra, História da África, a luta dos negros no Brasil, cultura afro-brasileira e recursos pedagógicos em turmas do Ensino Fundamental.

## MÃES SÃO MUITAS E DIVERSAS



PREENSÃO AMOR ALEGRIA CÚMPLICE EMOÇÃO SUBLIME B

PREENSÃO AMOR ALEGRIA CÚMPLICE EMOÇÃO SUBLIME BELA

# A MESTRA AZOILDA TRINDADE (2008),

nos diz que é fascinante ver que os corpos humanos são tão diversos e ao mesmo tempo tão iguais, mas é triste perceber como há uma tendência ainda hegemônica em capturar essas diversidades, aprisionando-as em padrões mercadológicos. Inspirados nessa fala, compartilhamos um dos momentos mais marcantes da pesquisa. Trata-se do evento do Dia das Mães, um dos mais tradicionais do calendário escolar celebrado no mês de maio.

Na perspectiva de seguirmos com as práticas pedagógicas da temática Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Escola, fui surpreendido com um retorno inesperado, em virtude das muitas dificuldades enfrentadas.

## A ESCOLA PRODUZIU UM PAINEL EM QUE

algumas das diversidades étnicas estavam ali representadas. Espalhadas pela escola, havia fotografias de mulheres indígenas, negras, asiáticas, quilombolas e ciganas. Pela primeira vez, eu senti de fato que estávamos conseguindo ressignificar aquele espaço e que as antigas ausências estavam aos poucos deixando de existir e passando a ocupar lugares.

Era satisfatório observar crianças e adolescentes entusiasmados e curiosos ao perceberem tanta diversidade de mulheres mães ali representadas. Surgiam perguntas, dúvidas e interesses das crianças em conhecerem melhor as muitas histórias daquelas etnias, suas lutas e territorialidades encarnadas nas figuras de mulheres tão diversas e plurais.

## DO MEU LADO,

sendo uma pessoa que se considera filho de muitas mães, percebo, na representatividade da figura feminina, acolhimento que fortalece e nos inspira para reexistirmos às injustiças as quais por vezes desumanizam corpos e anulam esperanças e vidas. O destaque aqui fica para mulheres negras e indígenas, matriarcas ancestrais que, na maioria das vezes, preservam aguerridas sua força e sabedoria.

Para encerrarmos esta roda, compartilho o poema abaixo da poeta **CECÍLIA PEIXOTO** (2021, p. 17), um achado desta roda que nos inspirou e reforçou as contribuições dessas figuras femininas fortemente presentes nas religiosidades afro-brasileiras.

# **“2 DE FEVEREIRO – SALVADOR”**

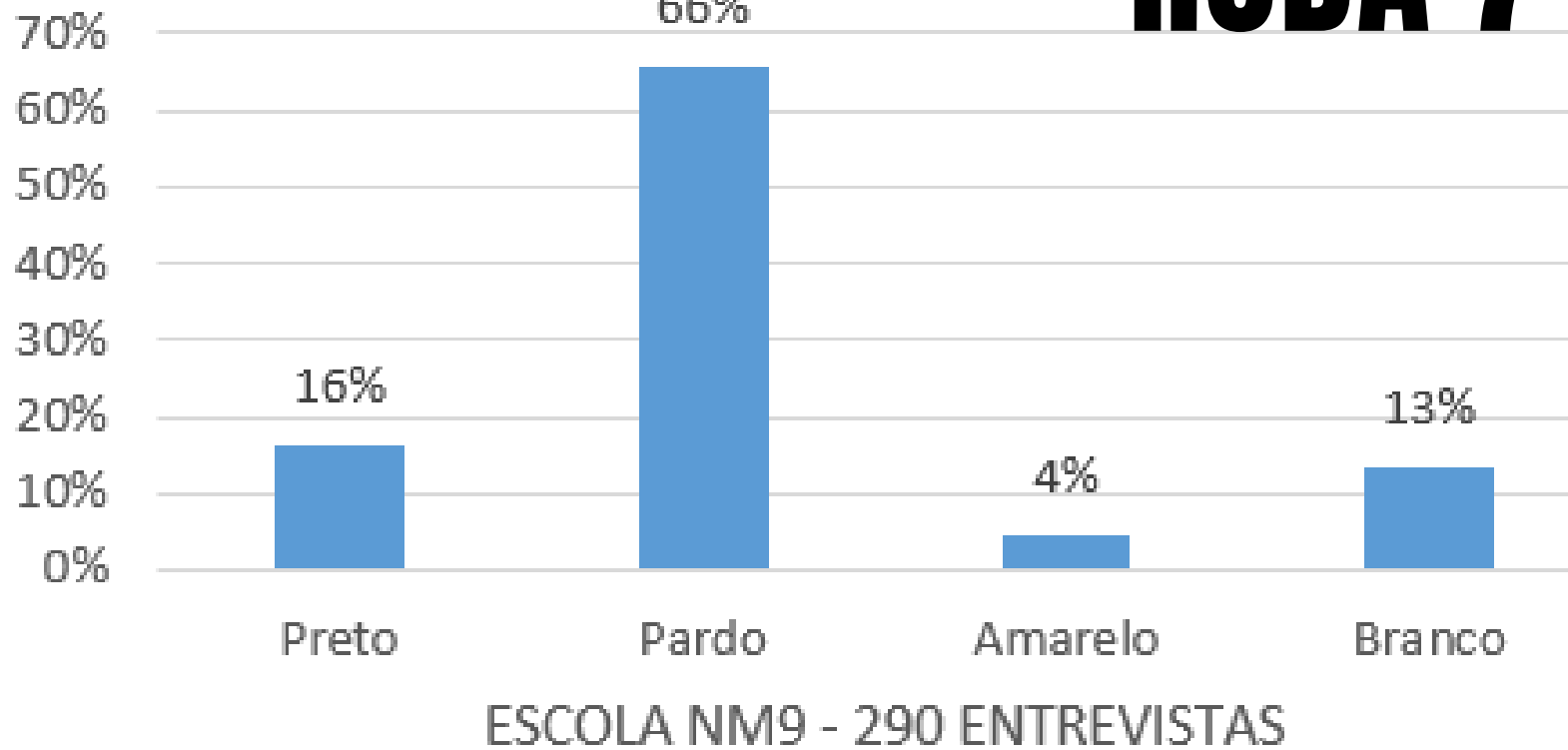
– CECÍLIA PEIXOTO (2021, P. 17)

*Salvador, cidade onde a melanina é concentrada  
Descendência africana na cultura e no DNA  
A religiosidade sobreviveu a repressão, exige respeito  
Religiões de Matrizes Africanas festejam o 2 de fevereiro  
No mar, nas lagoas e diques da cidade  
Habitam rainhas, senhoras da beleza  
Braços acolhedores de mãe a nos proteger  
Senhora das águas a purificar nosso ser.  
Ancestralidade que atravessou o Atlântico  
No mar do Rio Vermelho, Yemanjá fez morada  
Oxum reina entre as dunas da Lagoa do Abaeté  
Águas salgada e doce reverenciadas pela fé.  
O céu e o mar, imensidões na mesma tonalidade  
Dia claro, aroma de rosas permeiam as ruas  
Perfumes, sabonetes, espelhos, simbologias ritualísticas  
Balaios ornados com meticulosos laços de fitas.  
Herança de crença nas mulheres das águas  
Entre agradecimentos e pedidos, flores ao mar  
Recepcionadas pela espuma branca das ondas  
Vestes claras, pés descalços, preces, fios de contas.  
Entre as pedras das praias ou no alto mar  
A mulher-peixe agradece as oferendas, Odoyá!  
As ofertas depositadas nas águas do dique ou Abaeté  
Oxum as recebe com sorriso de mãe, Ora, iê, iê.*

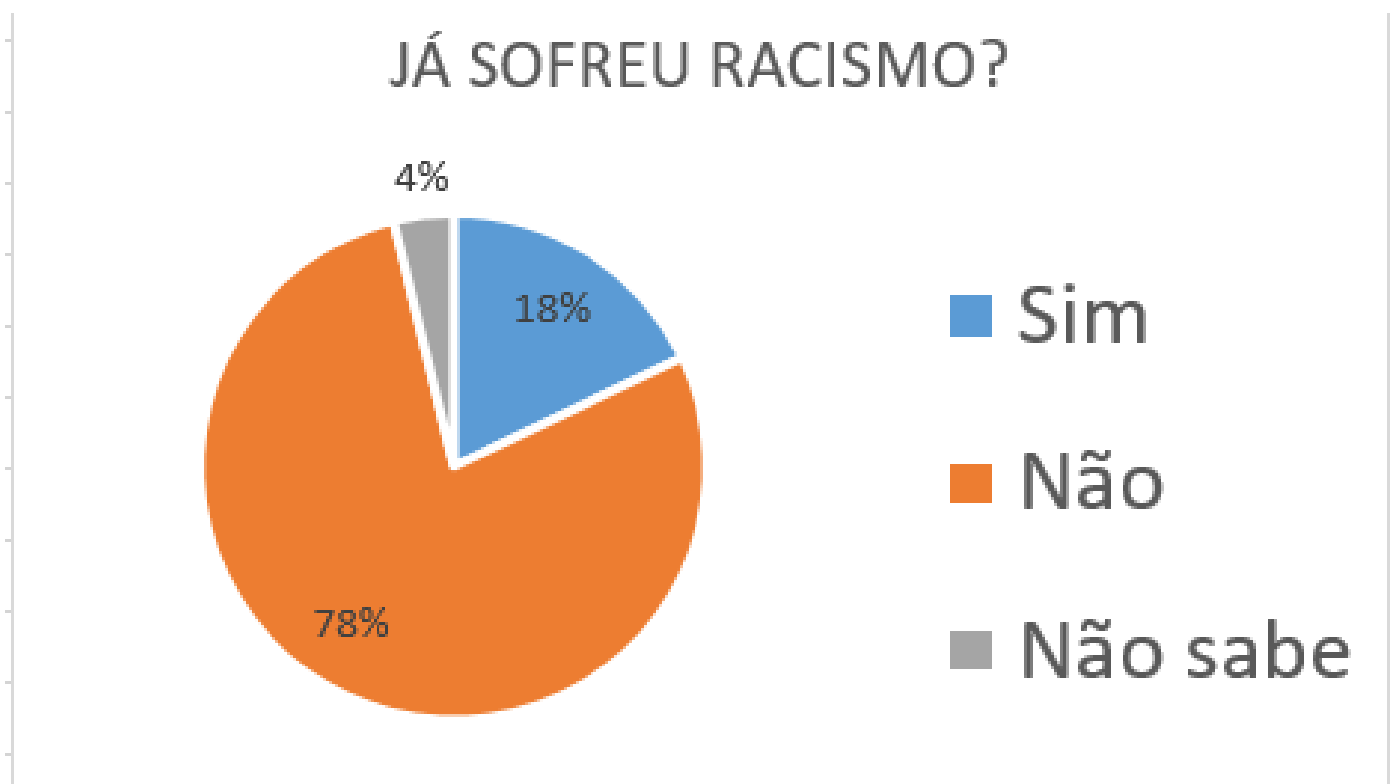


## COR DE PELE

# RODA 7



## O PERFIL ÉTNICO-RACIAL DOS ESTUDANTES



# ESTA FOI UMA DAS RODAS MAIS SIGNIFICATIVAS

e que mobilizou todos os professores e professoras da escola. Trata-se do levantamento de como os estudantes da escola se autodeclaravam no quesito Cor/Raça. Os resultados obtidos lançaram um retrato do perfil racial da comunidade escolar.

Para esse processo, utilizamos dois questionários: o primeiro, de elaboração própria, e o segundo, por meio da avaliação da Olimpíada Brasileira de Matemática<sup>5</sup> das Escolas Públicas – OBMEP/2022 aplicada no dia sete de junho de 2022. Os resultados estão apresentados nos Quadros 1 e 2:

## QUADRO 1 - PERFIL RACIAL DA COMUNIDADE ESCOLAR

COR / RAÇA	JÁ SOFREU RACISMO?
16% - Preto 66% - Pardo 6% - Amarelo 13% - Branco 0,0% - Indígena  TOTAL DOS ENTREVISTADOS: 290	78% - Sim 18% - Não 4% - Não sabe ou não respondeu

FONTE: Elaboração própria, com base em dados de pesquisa (2022)

## QUADRO 2 - LOCAIS EM QUE O RACISMO OCORRE

SE SIM, ONDE ACONTECE O RACISMO?
21% - Ambiente familiar 4% - Local onde mora 2% - Transporte coletivo 75% - Na escola 21% - Na rua 6% - Comércio

FONTE: Elaboração própria, com base em dados de pesquisa (2022)

<sup>5</sup> A Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) é um projeto nacional dirigido às escolas públicas e privadas brasileiras, realizado pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), com o apoio da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM) e promovido com recursos do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). Cf. em: <http://www.obmep.org.br/apresentacao.htm>.

## OS DADOS DEMONSTRARAM QUE

a escola era composta majoritariamente por pessoas negras (pretas/pardas) e por pessoas que afirmaram já terem sofrido racismo em algum momento das suas vidas. Segundo elas, a escola foi o espaço em que isso aconteceu com maior frequência. Essa observação reafirmou a necessidade de maiores discussões acerca das questões étnico-raciais na escola.

É importante compreendermos que se afirmar como negro(a), indígena, cigano(a) e/ou quilombola no Brasil não se limita aos aspectos físicos. Trata-se, também, de um posicionamento político, de práticas culturais vivenciadas, de ocupação territorial geográfica, de língua, dentre outras dimensões...

Nesse aspecto, o trato das diversidades étnico-raciais e a valorização das suas contribuições culturais e sociais foram prementes para que pudéssemos construir um espaço de percepção para as diversidades e o respeito às individualidades dos estudantes.

## RATIFICOU-SE ESSENCIAL

a promoção de práticas pedagógicas escolares com olhar para tais questões, desenvolvendo um entendimento de que as diversidades eram parte da escola e, portanto, precisavam ser abraçadas por ela.

Esta importante roda exigiu de mim estudos sólidos e muitas leituras enquanto mediador do processo com professores e estudantes, mas o resultado foi revelador para todos nós.

Nesse processo, foram leituras importantes os textos: “Raça, cor, cor da pele e etnia”, de Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2011); **UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RAÇA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA**, de KABENGELE MUNANGA (2004), além do poema “Sou negro”, de **SOLANO TRINDADE** (2020), inspiração constante nesta roda e que compartilho abaixo.

# “SOU NEGRO”

SOLANO TRINDADE (2020)

Sou Negro  
meus avós foram queimados  
pelo sol da África  
minh'alma recebeu o batismo dos tambores  
atabaques, gonguês e agogôs

Contaram-me que meus avós  
vieram de Loanda  
como mercadoria de baixo preço  
plantaram cana pro senhor do engenho novo  
e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou  
como um danado nas terras de Zumbi  
Era valente como quê  
Na capoeira ou na faca  
escreveu não leu  
o pau comeu  
Não foi um pai João  
humilde e manso.

Mesmo vovó  
não foi de brincadeira  
Na guerra dos Malês  
ela se destacou.

Na minh'alma ficou  
o samba  
o batuque  
o bamboleio  
e o desejo de libertação.

(SOLANO TRINDADE, CANTARES AO MEU POVO, 1961)



# Roda 8

## A LEI Nº 10.639/03 NAS DISCIPLINAS ELETIVAS DA ESCOLA

PROJETO:

NO.

DIA

DIA

DIA

DIA

DIA

# A ESCOLA

---

avançava nas práticas pedagógicas direcionadas pela pesquisa, e nesse processo definiu-se em reunião docente que era salutar ofertar para as turmas do Novo Ensino Médio uma disciplina eletiva que abordasse a temática Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e a Lei nº 10.639/03<sup>6</sup>, ambas mediadas pela Dança. A disciplina intensificou os estudos sobre esses tópicos, uma vez que estava voltada exatamente para esse fim. Foi uma grande oportunidade para aprofundarmos as discussões e promovermos entre os estudantes as produções que resultaram dessas vivências.

Apesar de eu não ser o professor da disciplina nessas turmas, e sim de Língua Portuguesa,<sup>7</sup> tive a oportunidade, como artista da Dança, de orientar diretamente a professora titular responsável e buscar com ela referências diversas e proposições para o planejamento e desenvolvimento das aulas.

## A OFERTA DESSA DISCIPLINA NA ESCOLA ESTADUAL N.M.9

foi um passo significativo, dada a carência de uma carga horária mais ampla para o ensino de Dança. Ademais, isso demonstrou um resultado efetivo das ações promovidas por esta pesquisa. Constituiu-se a evidência de que a comunidade escolar entrava na roda e buscava compreender caminhos para o encontro com a legislação e a importância da temática em curso para a formação das pessoas e a transformação da escola e da sociedade.

Sendo assim, trabalhamos nessas turmas, durante um semestre inteiro, com as temáticas e suas implicações na escola. Como reverberações, produtos finais foram desenvolvidos pelos estudantes para a finalização do semestre da disciplina, algo ofertado de forma inédita na escola.

O resultado final foi tão marcante que até hoje os estudantes apresentam as coreografias criadas por eles nesse processo. A trilha sonora escolhida para compor uma das apresentações foi “Nossa Cor”, do artista baiano Léo Santana (2014). Deixo abaixo alguns versos da letra que inspiraram toda a escola:

---

<sup>6</sup> A Lei nº 13.415/2017 (Brasil, 2017) alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do Ensino Médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola, que passou de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022), e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os chamados itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional.

<sup>7</sup> Sou artista da Dança, mas, devido à ausência de cursos de graduação em Dança na região na época em que fiz minha primeira graduação, tornei-me licenciado em Letras com habilitação em Português/Inglês.



# “NOSSA COR”

LÉO SANTANA (2014)

---

“[...] Falam de mim, falam de você  
Falam de nós, falam da nossa cor.  
Ainda nos tempos de hoje  
Existe gente sem amor (2x)

Barack Obama é negro!  
E Léo Santana é negro!  
Nelson Mandela é negro!  
É negro! É negro!  
O Thiaguinho é negro!  
Gilberto Gil é negro!  
Anderson Silva é negro!  
E se você não é negro  
Se junte a nós que não tem preconceito.  
Aqui só tem negão  
Aqui só tem negão  
De favelas, becos e vielas

Aqui só tem negão  
Aqui só tem negão  
Aqui só tem negão (bis)

Quem é do gueto grita, “Hey”  
Quem é favela grita, “Hey, hey”  
E quem é do gueto grita, “Hey, hey, hey, hey, hey”  
Quem é favela grita, “Hey”  
Quem é do gueto grita, “Hey, hey”  
Quem é negro grita, “Hey, hey, hey, hey, hey” [...]

Aqui só tem negão!

*Roda 9*

“BELEZAS”

NA  
PASSARELA



**“SOMOS ÚNICOS E SOMOS MÚLTIPLOS, SOMOS UMA RIQUEZA DE POSSIBILIDADES. E PODEMOS NOS CONECTAR, NOS COMPREENDER, NOS COMUNICAR, INTERAGIR [...]” (TRINDADE, 2008, P. 15).**

Inspiramo-nos nessas palavras da grande Azoilda Trindade para falar da afirmação das diferenças e das diversidades presentes na Escola Estadual Núcleo de Moradores 9 de Petrolina.

Aproximava-se o mês de agosto e, no fluxo das ações que se seguiam, surgiu a ideia de a escola organizar um desfile comemorativo ao dia dos estudantes. O evento teria como objetivo valorizar a beleza estudantil da unidade escolar por meio de votação para a escolha dos estudantes “mais bonitos”.

Ao mesmo tempo em que era ampliada a ideia, apareceram alguns questionamentos. A qual beleza a escola se referia? Por que no lugar de definirmos um determinado “padrão” de beleza que possivelmente não representa os(as) estudantes da escola, não fazemos um desfile para celebrar as diversas belezas? Belezas pautadas nas singularidades de cada pessoa: negra, indígena, magra, gorda, enfim... capazes de valorizá-las como são.

Essa foi também uma oportunidade de fortalecer um ambiente escolar ao qual todos(as) se sentissem pertencentes. Além disso, foi a melhor maneira de celebrar esse dia, visto que, ao atentar para a pluralidade de corpos, cabelos, figurinos, maquiagens, a escola também considerava os diferentes modos de ser e existir de cada estudante, valorizando, conseqüentemente, o respeito a essa diversidade.

## **O EVENTO ACONTECEU NO DIA 12 DE AGOSTO DE 2022**

e foi o maior sucesso. A partir daí percebemos que os estudantes passaram a sentir maior pertencimento à escola, além de uma mudança de postura: muitos deles começaram a usar penteados trançados, e aqueles que prendiam ou alisavam seus cabelos crespos passaram a soltá-los livremente. Uma experiência que construía e afirmava autoestimas. Era perceptível um desejo de evidenciar e valorizar seus traços negros. Isso foi maravilhoso!

Depois desse dia, aquele resultado demonstrado apenas no gráfico da pesquisa anterior (Quadro 1) se concretizou fisicamente nos rostos, nas vestimentas e nos sorrisos largos desses estudantes por toda a escola. Nesta roda, também nos inspiraram os textos “Padrões ensinamento 6”, do livro *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, de Bell Hooks (2021), e “A produção social da identidade e da diferença”, de Tomaz Tadeu da Silva (2008).



# Roda 10

# CORPOS



# MAPAS

---

# Nesta roda, compreendi que

---

precisávamos desenvolver a percepção das diferenças entre esses corpos-pessoas, de forma que as características individuais e as subjetividades de cada uma importassem e fossem valorizadas e um coletivo diverso e potente emergisse. Assim, propusemos que cada estudante refletisse sobre a sua árvore genealógica buscando compreender: 1) a história do seu nome; 2) sua trajetória juntamente com a constituição familiar até chegar à escola; 3) o que sabia ou lembrava sobre seus avós maternos e paternos. Essa proposta buscava revisitar trajetórias, caminhos percorridos até então pelas gerações anteriores, suas ancestralidades e perceber-se enquanto herança familiar, contemporânea a todas elas.

Em outro ponto, estabelecer relações que aproximaram Brasil/Pernambuco/África também foi via para as aulas de Dança vivenciadas nesta roda. Iniciamos essa abordagem por meio de indagações sobre quais eram as impressões que as pessoas estudantes tinham sobre a África. Sendo assim, foram feitas perguntas como:

- A África é um país ou um continente?
- Vocês percebem relações entre o mapa do Brasil e o mapa da África?
- Será que esses territórios já estiveram conectados há milhões de anos?
- Quais países africanos estão mais próximos do Brasil?
- O que temos em Pernambuco e no Brasil que é fruto dessa nossa herança africana?
- Qual a participação africana na nossa formação étnica racial?
- Quais as heranças africanas nas religiosidades praticadas no Brasil?
- Vocês conhecem ou já ouviram falar das religiões Umbanda e Candomblé?

# Dentre outras...

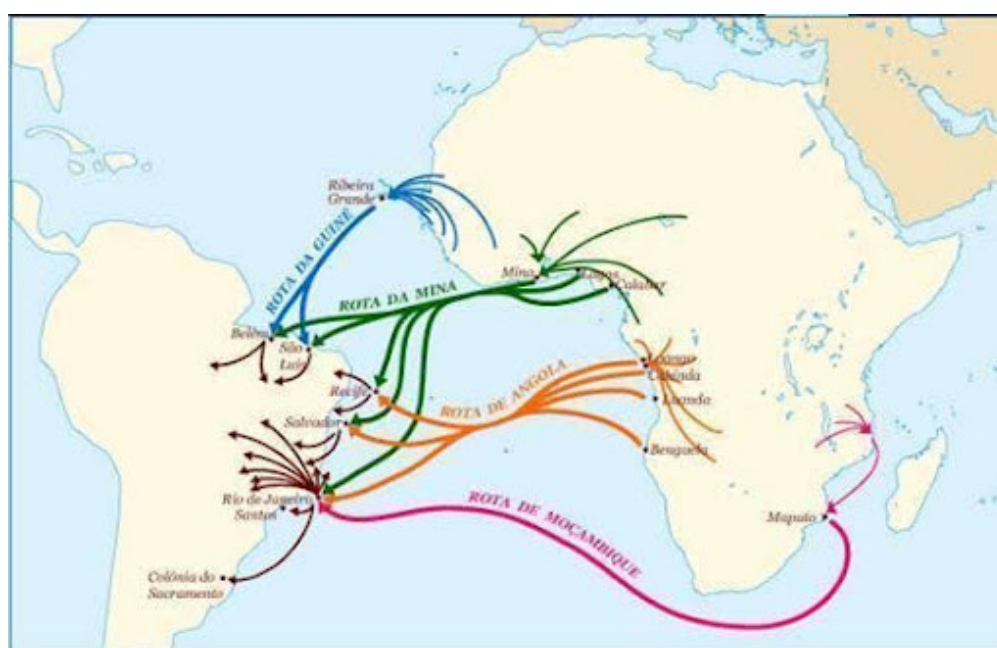
Essas provocações conservaram a circularidade da roda de modo que as aprendizagens foram construídas de forma aberta e coletiva, dando oportunidade para que cada estudante pudesse expor suas dúvidas acerca da África e do Brasil.

Tais práticas pedagógicas contribuíram para que os/as estudantes estabelecessem conexões entre si e despertassem outros modos de perceber as culturas afro-brasileiras e africanas como parte daquilo que os/as constituem enquanto pernambucanos/as. Elas foram fundamentais também para que a turma conhecesse mais sobre si e sobre as outras pessoas, afinal, é mais fácil saber para onde estamos indo quando sabemos de onde viemos.

Para produzir essas práticas, foram utilizados materiais de apoio como cabos de vassouras, bambolês, elásticos, papelões, tintas e folhas de papel, além do globo terrestre e de imagens dos mapas do Brasil e do continente africano. É salutar pensar nesse momento que, em Dança, o termo “texto” adquire amplos sentidos para além do tradicional escrito no papel. Pode ser não verbal, como um desenho, pintura, sons, linhas, mapas, uma escrita inventada, o som do canto inusitado no ambiente... Essas e outras provocações geraram muitas danças dos estudantes nesta roda.

Foram inspirações os textos: “Infância em afroperspectiva: articulações entre Sankofa, Ndaw e Terrixistir”, de Renato Noguera (2019); “As culturas negadas e silenciadas no currículo”, de Jurjo Torres Santomé (2009), bem como a imagem do mapa “Rotas da Escravidão”, disponível abaixo:

**FIGURA 1 – ROTAS DA ESCRAVIDÃO**



FONTE: Portal Geledés (Rotas [...], 2009).



# Roda 11



## DANÇAS, NÍVEIS E CINESFERAS



# OBJETIVO DESTA RODA

---

foi criar com os estudantes movimentações corporais que explorassem níveis espaciais do movimento (alto, médio e baixo), tendo como ponto de referência o centro do corpo.

Nas atividades, esses conceitos foram explorados com a finalidade de as pessoas refletirem sobre as relações entre seus corpos, os outros corpos e o espaço da sala de aula. Além disso, buscou-se também a percepção delas a partir de mudanças na estrutura do espaço, a exemplo de quando estamos todos sentados na carteira e em fileiras, ou de pé com as carteiras organizadas em círculo, delimitando o espaço em nossa volta, ou quando estamos em espaços que permitem ampla possibilidade de deslocamentos e movimentações.

Como as aulas de Dança exploravam diversos espaços físicos da escola, como o terreiro, o piso, o local onde estão as árvores, essa compreensão corpo-espaço foi muito importante. Nas atividades desenvolvidas, usamos materiais como: elásticos, fitas de cetim, bexigas, folhas de papel A4 e cordas. A compreensão se dava por meio de desenhos, ações corporais na dança (LABAN, 1978), jogos pedagógicos, de forma que as interações se intensificavam e possibilitavam o entendimento teórico-prático dos estudantes. As melhores aulas eram as aulas de danças, diziam os estudantes!

A partir da exploração dos planos espaciais, compreendemos que o conceito de Cinesfera aumentaria as possibilidades de movimentações corporais, pois representa a esfera dentro da qual acontece o movimento,

**CONFORME NOS ENSINA A MESTRA LENIRA RENGEL (2015).**

---

Sendo assim, o trabalho com o conceito de Cinesfera, somado aos de Plano Espacial, contribuiu para a investigação de movimentos nos espaços nos quais tínhamos condições de trabalhar na Dança, as ações corporais das pessoas estudantes. As rodas de investigações integravam os estudantes que, em trios, quartetos e de outras variadas formas, promoviam “estripulias dançantes” por toda a escola: eram simplesmente corpos no mundo! Também foram inspirações nesta roda o e-book **Elementos do movimento na dança**, de Lenira Rengel, e outros autores (Lenira et al., 2017); **Despertando Judites: experiências de criar e aprender dança com crianças**, de Carlos Eduardo Oliveira do Carmo, Fátima Campos e Lucas Valentim Rocha (Carmo et al., 2014).

---

As aulas de danças desta roda foram muito intensas e renderam, ao longo da pesquisa, momentos inspiradores geradores de belas imagens. Deixo a seguir dois desses registros que o ensino de Dança nos proporciona...

Na Figura 2, temos uma atividade de desenho de estudante na qual foram representados seus movimentos em diferentes cinesferas e níveis corporais (alto, médio e baixo).

**FIGURA 2 – DESENHO PRODUZIDO POR ESTUDANTE**



FONTE: registro do autor.

Já a Figura 3 apresenta uma dinâmica de pular cordas, durante a qual estudantes puderam experimentar ações corporais individuais e coletivas.

**FIGURA 3 – DINÂMICA COM CORDAS**



FONTE: registro do autor.





# Dança! Ginga! É Capoeira!

---

# A CONSTRUÇÃO DESTA RODA

---

buscou valorizar a prática da Capoeira e promover o contato próximo e as trocas entre algumas tradições e/ou expressões artísticas culturais presentes na comunidade e a escola. Compreendi que o dia a dia escolar e o olhar para o seu entorno poderiam ser estímulos a mais para concretizarmos práticas emancipatórias e de valorização dessas manifestações da comunidade.

Oportunidade de promover deslocamentos outros desmobilizando, assim, discursos totalizadores acerca do ensinar-aprender Danças na escola. Foi dessa perspectiva que tivemos a parceria do Mestre Régis e do seu grupo de Capoeira Volta ao Mundo Brasil. A escola ainda estava buscando superar a situação de isolamento, decorrente da pandemia, contudo, as pessoas estudantes garantiram presença maciça nessas aulas. A oficina alcançou um número expressivo de inscritos, que vivenciaram nos seus corpos a experiência da Capoeira e, mais profundamente, puderam percebê-la em seus cotidianos.

## A CAPOEIRA,

que é um misto de dança, jogo e ginga, ressignifica, por meio de suas músicas e movimentos, histórias e memórias africanas e afro-brasileiras unindo berimbaus, atabaques, pandeiros, cantos e ritmos dessa herança cultural muito popular em Pernambuco e no Brasil. Assim, a roda de Capoeira é um convite à percepção da diferença, pois nos ensina que a diversidade é fator preeminente para uma construção coletiva. Para que a prática e/ou o “ritual” aconteça, precisamos de pessoas para tocar, para cantar e outras para dançarem e/ou jogarem, num movimento circulante e contínuo em que tudo se reveza coletivamente.

De acordo com Lody e Sabino (2011), movimentos como esses criam relações e formas de sociabilidade, promovem experiências coletivas no ato de dançar, gingar... de estabelecer contato com o corpo, de sentir uma prática que integra e se unifica. Experiências essas demonstradas pelos estudantes.

O Mestre Régis ministrou as aulas no pátio da escola e utilizava a configuração física e metafórica da roda enquanto metodologia, visto que a circularidade é também um dos elementos marcantes da Capoeira. Os diálogos e as parcerias coletivas, típicos da roda, estavam ali fortemente preservados.

A apresentação final desse processo com as pessoas estudantes e os dançantes de Capoeira foi assistida e vivenciada por estudantes, docentes, gestão e pessoas da comunidade escolar.

As eficientes trocas que ocorreram entre estudantes, o mestre e a prática da Capoeira reforçaram ainda mais a importância de essas contribuições afro-brasileiras e africanas estarem na escola. As rodas de danças e de acontecimentos moveram essa temática, sendo seus frutos percebidos e comentados no cotidiano escolar, manifestados nas relações entre professores, estudantes, gestão e a comunidade.

É importante destacar que, após essa experiência na escola, muitos dos nossos estudantes se tornaram praticantes assíduos da Capoeira como membros efetivos do grupo<sup>8</sup> que mantém aulas semanais na comunidade Núcleo de Moradores 9. Também foram inspirações nesta roda o texto: “Portal do não retorno e a árvore do esquecimento”, de Eduardo D’Amorim (2016); “Capoeira – qual é a sua? Angola, Regional ou Contemporânea”, de Manoel de Barros [s.d], bem como o poema “Onde nasceram meus amores”, de Edson Robson Alves dos Santos, o qual compartilho abaixo:

## “ONDE NASCERAM MEUS AMORES”

EDSON ROBSON ALVES DOS SANTOS (2005, P. 100)

“O capoeira que sobe a ladeira do Pelô  
Sente na pele a chama do passado de Salvador  
Onde jogaram Mestre Bimba, Canjiquinha e Maré  
Onde nasceram meus amores à capoeira e à minha mulher  
Nossa história é de luta é de revolta é de Malê  
É o tino da vida lutar pra se defender  
Dos soturnos porões das senzalas pra viver  
Livre como a semente na terra a crescer”

---

<sup>8</sup> Para conhecer mais sobre o trabalho do grupo, acesse a página oficial no Instagram: @adccvmb.petrolina.



# RODA 13

17º OBMEP  
Prova da 1ª Fase - 07 de junho de 2022

COD. ALUNO(A): 26036215 - ESCOLAS N M 9

PE260362153012

CARTÃO-RESPOSTA

apenas caneta esferográfica azul ou preta ou lápis preto.

ALUNO(A) - PREENCHA COM LETRA DE FORMA - NÃO ABREVE O ÚLTIMO SOBRENOME

ASSINATURA DO ALUNO(A)

ASSINATURA DO(A) ALUNO(A):

ASSINATURA DO(A) ALUNO(A)

ASSINATURA DO(A) DIRETOR(A) OU PROF. RESPONSÁVEL

1º Ano  Manhã  FEM  AMARELA  PARDA  Se classificado(a), você deseja participar da 2ª fase?  Sim  Não

2º Ano  Tarde  MASC  BRANCA  PRETA

3º Ano  Noite  INDÍGENA

2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)
(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)
(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)
(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)	(D)
(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)	(E)

NOTA DO(A) ALUNO(A)

# O QUE OS PROFESSORES(AS) DIZEM

## PROFESSORES(AS)?

...onadas por esta pesquisa, que alterou a LDB 9.394/96 e o ensino a obrigatoriedade da temática "História e Geografia"? (Marcar apenas uma oval.)

...conhecia a Lei, mas nunca tinha lido a Lei mas não sabia como contemplá-la nas minhas práticas. Já conhecia e buscava contemplá-la nas minhas práticas

DEPOIS das práticas pedagógicas impulsionadas na Escola por esta pesquisa?

- Ainda desconheço a Lei
- Conheço a Lei
- Conheço mas ainda não sei como contemplá-la nas minhas práticas
- Conheço e busco contemplá-la na minha prática

7. Há alguma alteração na sua prática docente em face do conhecimento da Lei? (Marcar apenas uma oval.)

- Não
- Sim

Você já presenciou alguma situação de racismo entre os estudantes desta ou em outra instituição que você leciona/trabalha (ou)? (Marcar apenas uma oval.)

- Sim
- Não
- Não lembro
- Não sei

Você se sentiu preparada(o) para lidar com a situação?

- Sim
- Não me senti preparada(o)
- Não me lembro

# NO FINAL DO ANO DE 2022,

após a vivência de todas as rodas que compuseram a presente pesquisa, compreendi que era importante obter um retorno dos(as) professores(as) da escola sobre quais eram as percepções do que havíamos promovido e os possíveis impactos das práticas pedagógicas nos seus fazeres docentes.

Para tal, foi produzido um questionário, ao qual todos os 16 docentes responderam.

Com as devolutivas das respostas, pudemos observar que as práticas pedagógicas, impulsionadas por esta pesquisa, contribuíram principalmente para:

- Reflexões e atitudes que prezavam pelo respeito às diferenças entre as pessoas, seus costumes e valores;
- a valorização e a percepção das contribuições afro-brasileiras e africanas no contexto escolar e social;
- que as práticas docentes atentassem para a importância da temática História e Cultura Afro-Brasileira na formação escolar dos estudantes;
- que a Dança fosse substancial para que estudantes, professores e a comunidade escolar pudessem se engajar com tais práticas pedagógicas e promovê-las positivamente.

## Consideramos que a imagem/metáfora

dessas rodas de danças reafirma o lugar daquilo que se faz no coletivo e se transforma continuamente. Ademais, entendemos que todas essas experiências contribuíram para a compreensão de que os conhecimentos se dão também por meio das relações, porque nós também nos transformamos e nos ressignificamos por meio dessas trocas.

Para concluirmos esta roda, compartilho a seguir a letra da Banda Alana com Silvanny Sivuca e participação dos professores Lavinia Rocha e Allan Pevirgualadez que, aqui, nos inspira e nos convoca a continuarmos a dançar juntos as muitas rodas de Histórias e Culturas Afro-Brasileiras na Escola.

# “Ubuntu, eu sou porque nós somos”

Banda Alana (2024)

Os livros da escola  
Não contam a história  
Do nosso povo  
Uma longa trajetória  
De lutas e glórias  
Que traz para nós um horizonte novo  
A contribuição negra está presente  
Em tudo na sociedade  
Na arte, Na cultura, Na filosofia  
Tecnologia, E Universidade  
Ubuntu É ser porque somos  
Ubuntu É o cuidado com o outro  
Ubuntu Pra combater o racismo e o  
preconceito  
Pra um mundo melhor para todos  
A luta antirracista é contra o apagamento  
Da cultura e da memória negra  
Não esqueça que a história  
Desse país também é Preta  
Autoestima se constrói com representatividade  
O espelho pra se ter de volta a identidade  
Orgulho da minha ancestralidade  
Preta  
Guerreiro Ramos  
Luísa Mahin  
Lélia Gonzalez  
Leda Martins  
André Rebolças  
Kabengele  
Sueli  
Abdias  
Muniz  
O movimento negro construiu  
O estado confirmou e aprovou  
Na educação básica brasileira  
Seja nas escolas públicas ou privadas  
Os educadores devem ensinar  
A história dos africanos  
E a história de África  
Que não é um país  
Mas um continente

A história e a cultura afro-brasileira  
Que é a base do nosso povo  
Herança da nossa gente  
Pois nossos passos vêm de longe  
Sem pétalas no chão  
A luta do povo negro  
Veio bem antes da abolição  
Português  
Inglês  
História  
Artes  
Geografia  
Ciência  
Matemática  
Física  
Biologia  
Educação física  
Química  
Filosofia  
Em cada uma o negro pode ser  
estudado  
Com a sua sabedoria  
Durante todo ano letivo  
Vai fazer bastante sentido  
Fará com que os nossos estudantes  
entendam  
Que não é só em 20 de novembro  
Que é pra falar sobre isso  
O movimento negro firmou  
A consciência negra chegou  
E em 9 de janeiro de 2003  
A Lei sancionou  
Guerreiro Ramos  
Luísa Mahin  
Lélia Gonzalez  
Leda Martins  
André Rebolças  
Kabengele  
Sueli  
Abdias  
Muniz

# Considerações finais

Ao destacar a importância da História e Cultura Afro-Brasileira nas práticas escolares aqui compartilhadas, espero que este e-book, resultante da pesquisa Diálogos na roda: Dança, História e Cultura Afro-Brasileira no Ensino Fundamental, colabore com os processos de ações afirmativas, sendo meio para a promoção de uma educação antirracista, diversa e democrática que valoriza a equidade étnico-racial na comunidade escolar e na sociedade.

Disponibilizar este produto da pesquisa é também celebrar a nossa contribuição e reconhecer a importância do esforço, contínuo e coletivo de pessoas e movimentos, para construir uma sociedade mais justa e consciente, onde as diferentes narrativas sejam respeitadas e valorizadas.

Assim, com a imagem-metáfora da roda, busquei reafirmar o lugar daquilo que se faz no coletivo e se transforma continuamente. Entendo que todas essas rodas, denominadas nesse trabalho por “rodas dançadas”, contribuíram para a compreensão de que os conhecimentos se dão também por meio das relações humanas. Que nos transformam, nos ensinam, nos apresentam e ajudam a construir cenários de vida, inovadores e transformadores, inspirados e criados na força do coletivo.

# REFERÊNCIAS

---

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Erika Rodrigues. Palestra dada na Conferência TED Global, jul. 2009. 1 vídeo (18:33 min). Publicado por TED Global. Disponível em: [http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt-br](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br). Acesso em: 20 maio 2021.

BANDA ALANA. Ubuntu, eu sou porque nós somos. Página oficial da banda. [S.l.]: 20 fev. 2024. Disponível em: <https://alana.org.br/ubuntu-eu-sou-porque-nos-somos-uma-musica-para-fortalecer-a-luta-antirracista/>. Acesso em: 21 fev. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, DF: Presidência da República, 16 fev. 2017. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm). Acesso em: 13 fev. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União: Brasília, DF, seção 1, p. 1. 11 mar. 2008.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 10 jan. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 13 fev. 2024.

BARROS, Manoel de. **Capoeira** – qual é a sua? Angola, regional ou contemporânea. [S.l.]: s.d. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~salles/ceaca/capo1.html>. Acesso em: 11 mar. 2024.

CARMO, Carlos Eduardo Oliveira do; CASTRO, Fátima Campos Daltro de; ROCHA, Lucas Valentim. **Despertando Judites**: experiências de criar e aprender dança com crianças. 1. ed. Salvador: C.E.O. do Carmo, 2014.

CONFLUÊNCIAS: o modo quilombola de vida, e a sociedade do século XXI – Antônio Bispo. [S.l.: s.n.], 16 dez. 2019. 1 vídeo (21:08 min). Publicado pelo canal ColaborAmerica Tv. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CQoJOiHyaTY>. Acesso em: 05 fev. 2024.

DOMÊNICO, Deivid; MIRANDA, Tomaz; MAMA; BOLA, Marcio; OLIVEIRA, Ronie; FIRMINO, Danilo. História para ninar gente grande. In: LETRAS.MUS.BR. **Mangueira – Samba-enredo** 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sambas/mangueira-2019/>. Acesso em: 17 fev. 2024

D'AMORIM, Eduardo. Portal do não retorno e a árvore do esquecimento. In: D'AMORIM, Eduardo. **África e Brasil: história e cultura**. São Paulo: FTD Educação, 2016. p. 113.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. **A negra, 1923**. São Paulo, [2024a]. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2322/a-negra>. Acesso em: 19 fev. 2024.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. **A redenção de Cam, 1895**. São Paulo, 08 jun. 2020. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>. Acesso em: 19 fev. 2024.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. **Auto-retrato, 1923**. São Paulo, [2024b]. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1552/auto-retrato>. Acesso em: 19 fev. 2024.

GRUPO de Trabalho de Diversidade de Nova Escola. **Glossário Antirracista**. São Paulo: Nova Escola, 20?.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Raça, cor, cor da pele e etnia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 20, n. 20, p. 265-271. 2011.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Tradução: Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

LABAN, Rudolf. O domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978.

LODY, Raul; SABINO, Jorge. **Danças de matriz africana: antropologia do movimento**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MARQUES, Isabel Azevedo. Metodologia para ensino de dança: luxo ou necessidade? In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Sílvia (org.). **Lições de dança 4**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003, p.135-160.

MASP. **Amnésia, 2015**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/amnesia>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EDUFF, 2004.

NOGUERA, Renato. Sambando para não sambar: afroperspectivas filosóficas sobre musicidade do samba e a origem da filosofia. In: SILVA, Wallace Lopes (org.). **Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba**. Rio de Janeiro: Hexis Editora/Fundação Biblioteca nacional, 2015. p. 31-55.

NOGUERA, Renato. Entre a linha e a roda: infância e educação das relações étnicoraciais. *Revista Magistro*. Rio de Janeiro, v. 1, n.15, 2017. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/issue/view/231>. Acesso em: 11 set. 2022

NOGUERA, Renato. Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, Brasília, n. 31, p. 53-70, maio-out. 2019.

NOVA ESCOLA. **Como construir uma escola antirracista**. São Paulo: Nova Escola, 2022. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/2NTUZEK7W3GGQM5vRqGaf7smPNvYj7BkGRV5YJUDS8NMdqyYAAAgamA7WVDA/e-book-educacao-antirracista-nova-escola.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2024.

PEIXOTO, Cecília. 2 de fevereiro – Salvador. In: GOMES, Elaine Cristina Marcelina; SILVA, Érica Luciana de Souza; SANTOS, Nágila Oliveira dos; OLIVEIRA, Patrícia Anunciada de. **Mulheres das Águas I: antologia de contos, crônicas e poemas**. Quissamã: Revista África e Africanidades, 2021. p. 17. Disponível em: [https://africaeaficanidades.com.br/documentos/E-book\\_Mulheres\\_das\\_Aguas.pdf](https://africaeaficanidades.com.br/documentos/E-book_Mulheres_das_Aguas.pdf). Acesso em: 18 fev. 2024.



RENGEL, Lenira Peral. **Dicionário Laban**. 1. ed. digital. Curitiba: Ponto Vital, 2015.

RENGEL, Lenira Peral et al. **Elementos do movimento na dança**. Salvador, BA: UFBA, Escola de Dança; Superintendência de Educação a Distância, 2017.

ROTAS da escravidão. Portal Geledés. [S.l.], 18 abr. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/rotas-da-escravidao/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SALAS, Paula; BONINO, Rachel. 10 perguntas e respostas sobre o trabalho com as relações étnico-raciais na escola. **Revista Nova Escola**, São Paulo, 18 out. 2020. Jornalismo. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19872/consciencia-negra-10-perguntas-e-respostas-sobre-o-trabalho-com-as-relacoes-etnico-raciais-na-escola>. Acesso em: 17 fev. 2024.

SANTANA, Léo. **Clipe oficial – Nossa Cor – Léo Santana**. [S.l., s.n.], 14 fev. 2014. 1 vídeo (4:16 min). Publicado pelo canal de Léo Santana. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=QCsyIJdEL\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=QCsyIJdEL_w). Acesso em: 17 fev. 2024.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.) **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 155-172.

SANTOS, Edson Alves dos. Onde nasceram meus amores. In: SANTOS, Luiz Carlos dos; GALAS, Maria; TAVARES, Ulisses. **O negro em versos: antologia da poesia negra brasileira**. São Paulo: Editora Moderna, 2005. p. 100.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 73-102.

SOARES, Wellington. África e Brasil: unidos pela história e pela cultura. **Portal Nova escola**, [2015]. Disponível em: <https://novaescola.org.br/arquivo/africa-brasil/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Educação-Diversidade-Igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças. **Revista Fórum Identidades** Itabaiana-SE, Ano II, v. 3, n. 3, p. 9-18, jan.-jun. 2008.

TRINDADE, Solano. Sou negro. **Literafro**, [S.l.], 20 jun. 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/904-solano-trindade-sou-negro>. Acesso em: 19 fev. 2024.

VICENTE, Juliana. **Cores e botas (Colors and Boots) – by Juliana Vicente**. [S.l.: s.n.], 19 abr. 2012. 1 vídeo (15:55). Publicado pelo canal pretaportefilmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ll8EYegU0o&t=4s>. Acesso em 17 fev. 2024.



GERALDO  
DE LIMA  
LOPES

2 0 2 4